

Diego de Oliveira Silvestre¹

Alecsandra P. da Costa Moreira²

USO, VIVÊNCIA E CONSERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE EM POPULAÇÕES TRADICIONAIS: O CASO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE (PB)

RESUMO

O homem desde sua origem sempre desempenhou, ao longo da história do nosso planeta, atividades no entorno em que habita e trabalha. Em cada comunidade ou grupo social e em escalas temporais diferenciadas a natureza representa valores, ideologia e objetivos para cada agrupamento social. Este trabalho tem como principal objetivo compreender as diferentes formas e práticas de sociabilidade das populações tradicionais, em especial os quilombolas, e suas respectivas relações com o meio ambiente, tomando como recorte espacial a Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos. O estudo de caso comprovou e materializou a hipótese de que as comunidades quilombolas desenvolvem práticas e formas específicas de relação com o meio ambiente em seus territórios, e estas podem implicar em um uso menos predatório dos recursos e impactos negativos ao meio ambiente quando comparados a sociedade capitalista, pois há hábitos internalizados por eles que se expressam em seus saberes cotidianos e práticas voltadas para a utilização de recursos do território, que contribuem para a manutenção do grupo, de sua cultura e acima de tudo do ambiente.

Palavras-chave: Meio ambiente, quilombo, populações tradicionais.

USE, EXPERIENCE AND CONSERVATION OF THE ENVIRONMENT IN TRADITIONAL POPULATIONS: A CASE STUDY OF THE COMMUNITY CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE (PB)

ABSTRACT

The man has always played since its inception, throughout the history of our planet, activities in the environment in which she lives and works. In each community or social group and in different time scales is the nature values, ideology and objectives for each social grouping. The article has as main objective to understand the different forms of sociability and practices of traditional populations, especially the Maroons, and their relationships with the environment, taking as a spatial area of the Community Quilombola Caiana dos Crioulos. The case study materialized and proved the hypothesis that the maroon communities develop practices and specific forms of relationship with the environment in their territories, and these can result in a less predatory use of resources and negative impacts to the environment when compared to capitalist society, because there are internalized habits that are expressed by them in their everyday knowledge and practices for the use of territorial resources, which contribute to the maintenance of the group, its culture and above all the environment.

Keywords: Environment, quilombo, traditional populations.

¹ Universidade Federal da Paraíba
diegoosilvestre@gmail.com

² Universidade Estadual da Paraíba
alecsandrapereira@gmail.com

Correspondência:

Diego de Oliveira Silvestre
Universidade Federal da Paraíba,
Centro de Ciências Exatas e da
Natureza, CEP: 58051-900
João Pessoa (PB) - Brasil

INTRODUÇÃO

A proposta de discutir as comunidades quilombolas e a questão ambiental surge da necessidade de compreender, as práticas realizadas pelos quilombolas que auxiliam ou prejudicam o meio ambiente e como essas práticas cotidianas, relacionadas à ocupação do território e ao uso da terra, pela comunidade remanescente de quilombo de Caiana dos Crioulos, influenciam na dinâmica de preservação do meio ambiente.

Apesar de haver populações quilombolas espalhadas por todo território nacional, demonstrando o longo e abrangente período escravista brasileiro oficial (do Século XVI ao XIX), a opção de realizar a pesquisa com populações negras, cuja territorialidade materializou-se, muitas da vezes, em porções de Mata Atlântica deveu-se ao fato dessas florestas por terem sido historicamente ocupadas e devastadas, primeiramente pela intensa exploração colonial que resultou na substituição de grande parte das florestas por monoculturas extensivas que utilizaram a mão de obra escrava, e depois pela expansão da malha urbana nas últimas décadas. Paralelamente observa-se que as comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, açorianos, etc.) interagem com o meio de forma a possuir uma visão diferente da sociedade capitalista, que observa o meio natural como o local de obtenção de matérias-primas para confecção de produtos para obter o lucro.

A escolha da Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos onde será desenvolvida a pesquisa localizada no município de Alagoa Grande, na microrregião do Brejo e Mesorregião do Agreste Paraibano se deu pelo fato dessa mesorregião apresentar a ocorrência de uma mata úmida, conhecida como Mata de Brejo e, também, por ter sido um local de produção de cana-de-açúcar e algodão com a utilização intensa da mão de obra escrava.

Este artigo tem como objetivo compreender as diferentes formas de sociabilidade das populações tradicionais, em especial os quilombolas, e suas respectivas relações com o meio ambiente, isto é, compreender como acontece a interação entre a comunidade negra rural, em seu território, e o meio ambiente.

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A Comunidade Remanescente de Quilombo de Caiana dos Crioulos está localizada no município de Alagoa Grande, na mesorregião do Agreste mais especificamente na microrregião do Brejo paraibano (Figura 1). De acordo com Moreira (1989) a mesorregião do Agreste foi historicamente uma região que apresentou diferentes formas de utilização dos recursos, dos quais se destacam quatro formas de sistemas agrícolas, a saber, policultura tradicional, agave, o de batata inglesa e o canavieiro.

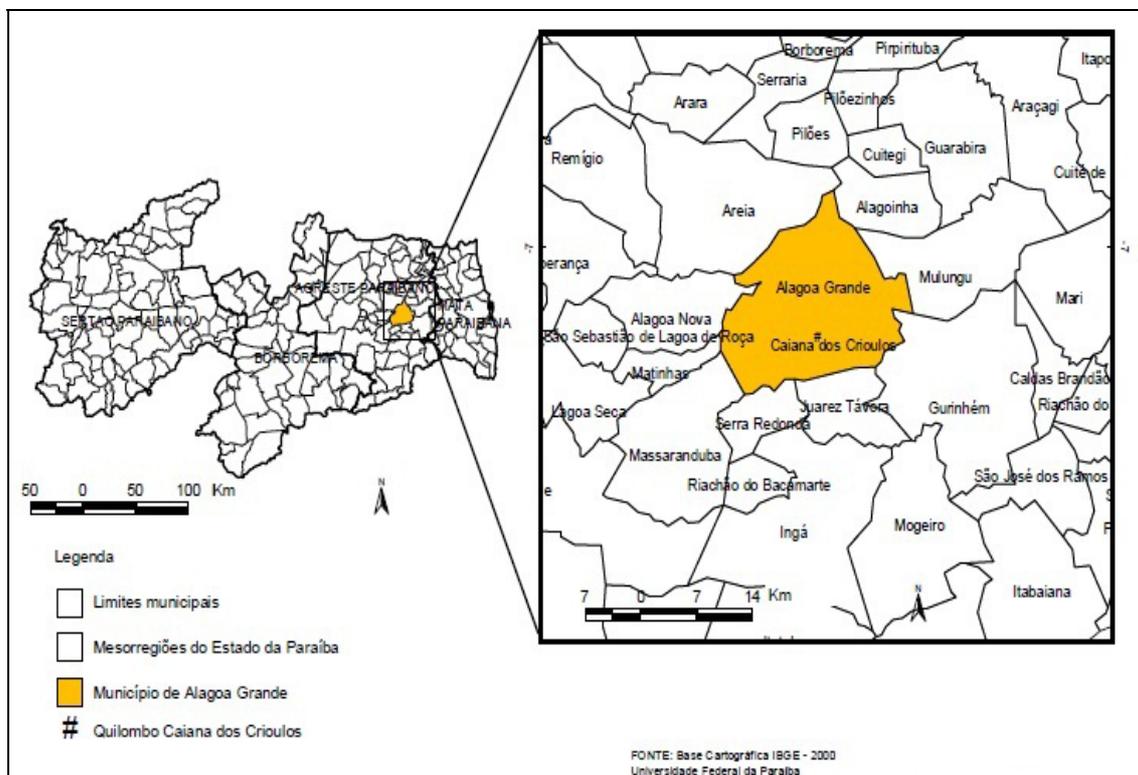


Figura 1 – Localização da Comunidade de Caiana dos Crioulos.

Fonte: Lima (2010).

Caiana dos Crioulos está a aproximadamente 12 km de distância da área urbana de Alagoa Grande em uma região de serra cortada por diversos vales (Figura 1), região esta de difícil acesso em períodos chuvosos devido a única estrada de acesso a comunidade ainda ser de barro. (Figura 2).

a)



b)



Figura 2 – (a) região de Serra cortada por vales de Caiana dos Crioulos e (b) estrada de acesso a Caiana dos Crioulos.

Autor: Diego Silvestre. Data: 12.10.2010

Essa característica de difícil acesso é descrita por Anjos (2001) como estratégia utilizada pelos negros como para dificultar sua localização. Na organização do território Caiana dos Crioulos segue uma tendência e uma característica geográfica que de acordo com Anjos (2001, p.142) pode ser observada em várias comunidades quilombolas do Brasil que é a:

[...] forma da distribuição, que ocorre de maneira esparsa no território, sem um arruamento geométrico definido, como se verifica em outras localidades do país. Outro aspecto espacial relevante é o sítio geográfico dos antigos quilombos, geralmente estratégico, ocupando regiões de topografia acidentada (chapadas e serras) e/ ou vales florestadas e férteis com sistemas de vigilância nas áreas mais altas.

Nas atividades de campo realizada na comunidade os elementos expostos pelo autor como ausência de padrão de arruamento e a forma espaçada das casas no território de Caiana é facilmente percebido (Figura 3).



Figura 3 – Ausência de arruamento e Espaçamento entre as casas da comunidade
Autor: Diego Silvestre Data: 12.10.2010

Geralmente as casas se localizam nas vertentes da serra, originando um pequeno complexo formado pelo terreno da casa em si com o referido quintal, onde em muitos casos os moradores realizam suas culturas de subsistência tendo como produtos principais o milho e o feijão. Além dessas culturas podemos

observar as árvores frutíferas como as mangueiras, os coqueiros, as bananeiras bem como a criação de galinhas, porcos, bois (em pequena quantidade) e, cabras.

METODOLOGIA

Para se alcançar os objetivos foram utilizados o método interpretativo, tomando como referência um estudo de caso, pois através desse procedimento é possível representar os diferentes pontos de vista presentes em uma situação social: a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não cabendo adoção de exclusividade a um única abordagem, mas a busca de um diálogo interdisciplinar. Do ponto de vista geral nos apoiamos na dialética Marxiana reconhecendo que o modo de produção capitalista tem como principal âncora a exploração do trabalho.

Do ponto de vista local, do estudo de caso buscamos dialogar com o dado empírico e a teoria, pois reconhecemos que o estudo de caso possibilita, também, o uso de várias fontes de informação, tendo como meta a descoberta de novos elementos que poderão surgir, buscando novas respostas e novas indagações ao desenvolvimento do trabalho. Quanto aos procedimentos optamos pelo uso dos dados qualitativos, considerando que tanto a descrição quanto a interpretação podem contribuir para enriquecer a pesquisa.

O Procedimento metodológico constou também de levantamento em diversas fontes bibliográficas como livros, artigos científicos, dissertações e teses, no qual as escolhas dos autores obedeceram a sua relevância teórica, bem como a ilustração de casos relevantes para a temática pesquisada.

Quanto ao levantamento bibliográfico feito é importante destacar a interdisciplinaridade realizada entre Geografia, Economia, Sociologia, História e Antropologia, visto que a temática abordada ao longo de trabalho perpassa esses três ramos do conhecimento, em busca de abarcar a longa caminhada dos negros em nosso país abordada em suas especificidades Antropologia e que a materialização das ações dos negros dá-se num território específico ao de estudo da Geografia.

Em nossa investigação buscamos dialogar com os autores Sá (2005), Rocha (2007), Galliza (1979), Mello (1988), Gorender (1988), Moura (1993), Fiabani (2005), Freitas (1982), da História. Na Antropologia destacamos Schwarcz (1995, 1996) e Arruti (2005) e na Geografia podemos destacar Moreira (2006a; 2006b; 2008; 2009), Almeida (2009; 2010), Macena (2008; 2010), Cavalcante (2007; 2008), Maracajá (2010), Rodrigues (2007,2011), Haesbaert (2004, 2005), Souza (2003) e Anjos (2001).

Outro procedimento importante da pesquisa foi à utilização dos relatos orais, por entender que esses enriquecem o trabalho além de possibilitar uma visão mais real do lugar, visto que os relatos dos moradores expõem a sabedoria, o conhecimento e o viver de cada um.

Foram realizadas também pesquisas em órgãos públicos como INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), IBAMA, IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), bem como ONGs (Organizações Não Governamentais) como o MNU/PB (Movimento Negro da Paraíba), Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afro-descendentes da Paraíba (AACADE/PB) e a Coordenação Estadual das Comunidades Negras e Quilombolas da Paraíba (Cecneq/PB) e a Associação dos Moradores de Caiana dos Crioulos Quilombolas.

O levantamento cartográfico teve como base a carta topográfica do município de Alagoa Grande, bem como o levantamento de dados referentes ao território quilombola através de GPS (Global Positioning System), cujos pontos deram origem ao mapa da área.

No conjunto dos procedimentos metodológicos utilizados está o trabalho de campo, provavelmente, o mais importante para o desenvolvimento deste trabalho, pois é um excelente meio para obtenção de informações acerca do objeto estudado, sendo de extrema importância para a formação do profissional de Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso dos recursos naturais pelas sociedades humanas tem uma longa trajetória histórica. De acordo com Martinez (2006) muitas vezes permaneceu a forma de utilização de alguns desses recursos, como a terra e a madeira ao passo que em outras são seguidamente trocados por novas formas, sobretudo no caso de fontes de energia e de matérias-primas. Essa nova forma de utilização dos recursos promoveu uma conversão da natureza em capital e, por conseguinte seus produtos em mercadorias.

Todavia como toda regra possui sua exceção, as comunidades tradicionais permanecerem com suas formas de manejo, portanto, como elementos fundamentais na defesa e conservação do meio ambiente, pois na vivência diária há sempre uma preocupação, que não é natural, e sim cultural e que são aprendidas, apreendidas e apropriadas, ou seja, são carregadas das marcas do vivido e do valor de uso (HAESBAERT, 2004). É importante lembrar que esse conhecimento é aprendido fora das quatro paredes da escola, o que remete para uma concepção de relação com o meio, com o território e com a natureza. Esses conhecimentos do dia-a-dia são transmitidos, sobretudo, de geração para geração.

Visto isso, os relatos aqui apresentados são fruto do trabalho de campo, junto a comunidade de Caiana dos Crioulos, pois é a partir do trabalho de campo que ocorrem os contatos diretos, na qual foi possível destacar: uso, conhecimentos, ferramentas e práticas dessa comunidade.

Os moradores de Caiana dos Crioulos em sua grande maioria praticam a agricultura como forma de subsistência, embora a comunidade se encontra em uma região de serras que apresentam declives acentuados (aproximadamente 100 m) entre o talvegue e a parte superior do vale (Figura 4).

A agricultura praticada em Caiana dos Crioulos é realizada através de experiências que são passadas de pai para filho, moldadas ao longo dos anos, além de práticas tradicionais que incluem o uso de algumas ferramentas rústicas que refletem uma perspectiva de uso sustentado da terra e do meio ambiente, desenvolvendo nas atividades de plantio adaptações as diferentes paisagens e solos da localidade a partir dos saberes locais.

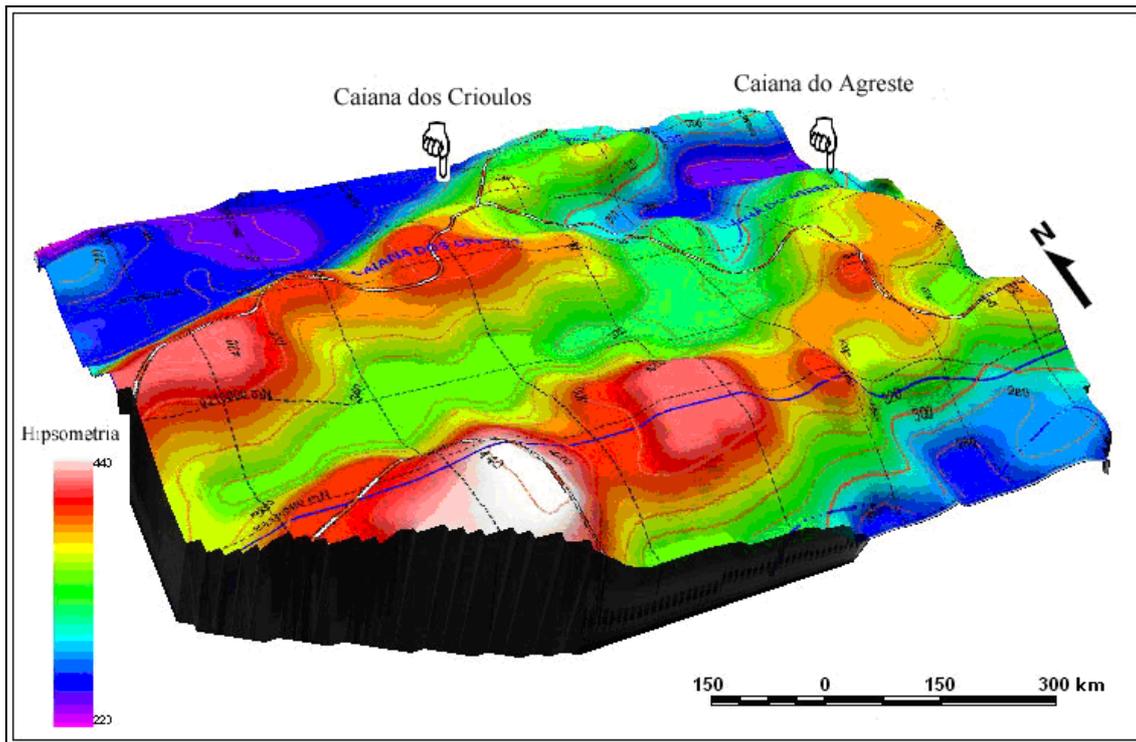


Figura 4 - Modelo digital do terreno de Caiana dos Crioulos

Uma forma de entender as práticas relacionadas ao meio ambiente, em Caiana dos Crioulos, diz respeito à forma como a comunidade realiza as suas roças e lavouras. Na busca de compreender “como são feitos os roçados?” entre os moradores, obtivemos as seguintes informações:

1- O roçado é o seguinte, eu... arranjo no terreno metade de 25, aí eu meço, vamo supor, 25, 25 braça, 25 aqui, 25 subindo, primeiro eu boto fogo logo, aí roço o mato, toco fogo, aí depois eu espero a chuva aí é só plantar. (José Silva)

2- Bom como meu roçado é pouco, como eu disse a você, eu só faço limpar, quando é do mês de Janeiro e Fevereiro, eu alimpo o mato, não toco fogo no basquinho deixo ele apodrecer. Se você limpa o mato e queima o basquinho, você tá tirando a vitamina da terra, porque aquele basquinho é o estrumo da terra, entendeu?, ainda mais nesse barro nessa terra da gente ele é o estrumo da terra, deixa apodrecer, aí para o ano a terra tá mais forte. Se você queimar aquela cinzinha a água vem e leva tudo. Eu alimpo, com o tempo ele apodrece, aí quando bota o inverno ele tá todo podrinho pronto pra plantar. Aí depois é só colocar a semente. (João Mariano)

3- Primeiro mermo eu alimpo, depois de limpar se der pra coivarar, coivara, mas se não der vai passando as carrerinha, e o

mato seco vai ficando né, que é estrumo, ai vai estrumar. Quando deixa o mato fica muito entulho, ai o mato meio sabido, como ta esse ai (aponta para o roçado do quintal) a gente puxa com o gancho, e com a coivara fica tudo limpo. E o mato que sobra eu uso como lenha. (Noemi Nascimento).

4- Bom tem gente que queima, ai tem gente que roça o mato e a pessoa não queima e joga o feijão e ele nasce por cima e os matos é o estrumo da terra ai de uns tempo pra cá muita gente não queima mais, mas não roça o mato não, porque um mato meio pequeno que a gente alimpa e queima o mato né meio futuro não, deixa o mato lá ele apodrece e é o estrumo da terra. (João dos Santos)

Das informações obtidas a partir dos relatos acima a grande maioria se refere a um mesmo procedimento que exige uma prática, saber fazer, além de envolver um processo de aprendizagem, cuidado, observações e saberes que são carregados ao longo do tempo através da tradição e da memória pelas gerações.

Para Giddens (1997, p.80) “tradição é uma orientação para o passado de tal forma que este tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente”, ou seja, as práticas agrícolas desenvolvidas pelos quilombolas de hoje são fortemente influenciadas pelas práticas realizadas no passado longínquo.

Podemos resumi-las nas seguintes etapas: limpa do terreno, realização da coivara, em certos casos, e semeadura do terreno. Fato importante de se observar nos relatos é a conscientização por parte de alguns moradores de não realizar a queima do mato (coivara) após a limpa do terreno (figuras 5 e 6) e deixar que este mesmo mato se decomponha no local e se transforme em adubo natural.

Esta forma de manejo agroecológico realizada pelos moradores faz com que haja o aumento constante da fertilidade do solo, sobretudo de elementos como Potássio (K), Fósforo (P) e Magnésio (Mg) que são essenciais as culturas de milho e feijão, base alimentar da comunidade.



Figura 5 – Processo de limpeza do terreno.

Autoria: Maria Ester Fortes Data: 07.04.2011

O reconhecimento de terras férteis e inférteis para o plantio se dá pela observação da paisagem e pela constatação da presença de algumas espécies, como marmeleiro, campineiro e catanduva constatando que os ambientes com a presença destas apresentam solos considerados de baixa qualidade, como afirma o senhor Francisco: “Se você chegar e vê esse aqui, ou esse aqui e esse aqui. Se for marmeleiro e você encontrar marmeleiro, catanduva e campineiro não promete nada não.” De acordo com a Embrapa solos, predomina na região de Alagoa Grande os solos do tipo Regossolos distróficos¹, Podzólico Vermelho-Amarelo equivalente eutrófico² e Argissolo Vermelho-Amarelo Eutrófico³, sendo estes dois primeiros predominantes na região de Caiana dos Crioulos.

Para que haja uma boa produção é necessário, ainda, conhecer e entender os períodos de inverno e de verão na região, o que acabou por estabelecer um conhecimento local que tem por base vários fatores que influenciam na produtividade como pode ser visto nos relatos concedidos pelos moradores da comunidade:

1- [...] a gente que trabalha aqui é só pra comer, quando ta pro inverno a gente trabalha, por inverno, quando é pro verão todo os homi vão ganhar dinheiro nas usina. (João dos Santos)

2- [...] tem mês que chove mais, ai quando é mês que chove menos o cara quase não faz nada. Quando é o mês de Maio ai chove mais

¹ Textura arenosa cascalhenta.

² Solo fraco e moderado de textura média/argilosa.

³ Textura média/argilosa relevo ondulado e forte ondulado.

ai o lucro é mais. O mês que chove mais é o mês de Maio e Junho, mais o que chove mesmo é o de Maio. No mês de Junho chove, mas no São João já chove fraco. (Francisco Guilherme)

3- O mês que a gente trabalha mais no roçado é aquele antes de chover, ai quando vem o inverno a gente planta, quando o inverno vem cedo a gente trabalha mais cedo, quando o inverno atrasa a gente demora mais pra trabalhar. (João dos Santos)

4- Nesse tempo assim, dia da chuva é que a gente mais trabalha, no tempo da seca é só pra roçar, no tempo de chuva você vai pra plantação, pra limpa, é mais assim nesse tempo chuvoso. (José Silva)

É importante lembrar que na comunidade Caiana dos Crioulos não há presença de técnicos agrícolas⁴, como existem, embora de forma insuficiente, nos assentamentos de reforma agrária, ou presença de engenheiro agrônomo ou alguém que possa dar suporte as práticas realizadas pelos moradores de Caiana dos Crioulos, as formas de lidar com a terra e de cuidar da mesma foram aprendidas com seus pais e avós.

Vários podem ser os elementos a serem discutidos no âmbito da sustentabilidade da agricultura camponesa, mas um dos mais relevantes é o que se refere ao uso de agrotóxicos ou fertilizantes nas plantações, visto que é sabido hoje que um dos maiores impactos que a agricultura pode causar ao meio ambiente é o uso de agrotóxicos.

Partindo dessa afirmação a indagação feita aos moradores da comunidade de Caiana foi à seguinte: “usa algum tipo de agrotóxico ou fertilizante no solo?”. Procuramos desta maneira conhecer se, na comunidade, há o emprego deste tipo de elemento na prática agrícola que degrada o ambiente. A síntese das respostas pode ser observada no logo abaixo (Tabela 1):

Tabela 1 – Uso de Agrotóxico em Caiana dos Crioulos.

Resposta	Nº Absoluto	(%)
Sim	3	20
Não	12	80
Total	15	100,00

Fonte: Pesquisa de campo - Maio de 2011.

⁴ Embora entre os programas oficiais do governo federal esteja o “Programa Brasil Quilombola”, que visa garantir a posse da terra e promover o desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas.

Das respostas obtidas, aproximadamente, 78,5% responderam que não usam agrotóxicos e apenas 21,5% responderam que sim. Entre estes últimos, que responderam “sim” afirmam que o “veneno” é para:

- 1- Isso que eu coloco é pra matar praga mesmo, carrapato, que dá no milho que dá no feijão e na fava. (João Cirino)
- 2- As vezes dá lagarta, no ano em que ela dá acaba que fica só a terra. A gente agora com veneno quando a praga bate mesmo a gente desce na cidade compra, prepara bota na máquina e agoa. (João dos Santos)

Não é comum usarem agrotóxico, mas algumas vezes acabam usando para repelir possíveis pragas a que venha aparecer na lavoura, sobretudo a lagarta. Em contrapartida os 78,5% que responderam que “não usam agrotóxicos” afirmam o seguinte:

- 1- Não uso nada não. Não uso porque não gosto, porque aquele tipo de planta que a gente planta ela sendo natural é melhor né. (José Alcides)
- 2- Não gosto porque agride a natureza e é cara. (Lia Silva)
- 3- Não gosto, não. (Severino Guilherme)
- 4- Não uso porque prejudica a terra. (Francisco Guilherme)
- 5- Minha terra é pequena pra usar isso. (Ivanice Silva)
- 6- Porque eu não gosto, minha esposa também não gosta e eu nunca gostei disso e também o que a gente planta é mais pra o consumo, tem algumas coisas às vezes assim que fava e milho, nós vende, mas só uma troca, às vezes assim não come tudo, ai troca por feijão ai troca por milho, ai como é pra consumo eu não uso isso não. (José Alcides)
- 7- Não aqui não! Por que quase ninguém tem o costume de botar remédio em pé não, aqui a gente mesmo faz, pega o bascunho e vai estrumando assim em volta do pé, vai ciscando e vai descendo o estrumo. (José Silva)

Além dos agrotóxicos, outra pergunta realizada foi: “Utiliza algum tipo de fertilizante”, em caso de resposta afirmativa, este seria “natural ou industrializado?”. O uso do fertilizante dar-se-ia para acelerar o processo de crescimento dos produtos. As respostas foram às seguintes (Tabela 2):

Tabela 2 - Uso de Fertilizante em Caiana dos Crioulos

Respostas	Nº Absoluto	(%)
Sim	2	13,33
Não	13	86,66
Total	14	100,00

Fonte: Pesquisa de campo - Maio de 2011.

As pessoas que responderam que utilizavam algum tipo de fertilizante utilizavam o mesmo de forma natural, ou seja, produzido a partir de elementos encontrados no próprio meio ambiente, conforme os relatos abaixo:

- 1- Uso o resto da comida com estrumo, e vai estrumando ao redor da pranta.
- 2- Pra dar força da terra a gente coloca o estrumo, cria um gadinho, umas duas cabecinhas quem pode né, uma cabrinha, até um burrinho mesmo um 'jirico' serve, ai ele vai estrumando ali devargazinho, aí é tudo adubo. (João Mariano)

Os matos provenientes da própria roça e o resto da alimentação dos moradores servem para a adubação, as folhas, as sementes e os frutos adubam a terra, e quando necessário, seus galhos são derrubados para fertilizarem o solo.

Os resultados obtidos na produção são produtos orgânicos, cultivados sem adição de qualquer insumo, veneno ou fertilizante industrializado, sendo a adubação proveniente da natureza, cuja mesma se encarrega de fornecer os elementos que a produção necessita.

Outra questão muito importante acerca da relação da comunidade com o meio ambiente foi saber se há o esgotamento do solo após um período de utilização desta forma procurou-se verificar qual a preocupação dos agricultores com o desgaste do solo da comunidade, através da pergunta: "Como o tempo o solo fica desgastado e como era possível perceber isso?" e em caso afirmativo: "Qual o procedimento a se tomar?".

A resposta para esse questionamento foi unânime: com o tempo de uso o solo ficava sim desgastado, os moradores respondiam com seus conhecimentos e sabedoria a forma mais adequada para manter a terra produtiva. A seguir alguns relatos realizados pelos moradores da percepção sobre o acontecimento de tal processo:

- 1- Pela plantação, ai com, um ano você ver que a planta não se desenvolve do mesmo jeito como no ano passado, o milho já dá diferente. (João Mariano)
- 2- Cada vez ela vai afracando, por exemplo, se eu trabalhar aqui esse ano, se não colocar nenhum estrumo, com o passar de tempo ela vai afracando. (Francisco Guilherme)
- 3- Fica...fica... Muito tempo o cara trabalhando nela, ela fica desgastada, aí a pessoa tem que estrumá-la todo o ano, se você se aplanta ai a lavoura dá mais fraca, se não estrumar ela fica mais fraca. (André Santos)
- 4- Bom, esse ano a gente planta dá melhor, comparação né, para o ano já dá mais fraco e ai vai. Olha o milho ele não ta vigoroso, não ta forte mais, ta cansado. (Noemi Nascimento)

Das informações obtidas através dos moradores é possível observar que a relação e a vivência com o meio é tão intensa que a ausência de um técnico agrícola ou agrônomo para informar se o solo se encontra desgastado, não os impede de ter esse conhecimento, para isso praticam o hábito diário de observação e da comparação entre os resultados obtidos de lavouras passadas para perceber o desgaste natural do solo.

Com certeza a presença de um técnico ou agrônomo que dialogasse e respeitasse os saberes tradicionais, contribuiria para a melhoria da produção e das técnicas de manejo.

A partir das observações os agricultores apontam a melhor maneira de utilizar o solo, primeiramente tem-se a preocupação no sentido de revitalizar o solo para que o mesmo não enfraqueça, este processo consiste em realizar a constante a adubação:

A gente sempre estruma, com mato mesmo o basquinho do bicho, as vez assim na época assim (chuvosa) a gente vai ajuntando os estrumo e na seca a gente vai botando no meio do roçado, os pintos cisca, ai quando chega o inverno o terreno tá fofo. (João Cirino)

Outra solução e estratégia dada por eles para evitar o desgaste do solo e do ambiente onde praticam a agricultura é trocar o lugar da plantação, ou seja, o

pousio do solo utilizando primeiro uma área depois noutra e assim sucessivamente:

1- Fico um ano sem plantar, ai depois de um ano eu planto. Aí faço assim planto aqui [aponta para o terreno ao lado da casa], ai no ano seguinte eu planto de novo, aí depois eu planto ali e deixo aqui descansar e criar um mato, aí depois de um ano tá bom de novo para plantar. O certo mesmo é você plantar só um ano, mas assim se você for plantando devargazinho ela (terra) vai suportando, o negócio é tratar ela. (José Alcides)

2- [...] quando a gente tem muito terreno, a gente vai trocando de lugar, às vezes a gente coloca aqui, e usa dois anos ai troca e já coloca ali.

3- Nesse ano trabalha aqui, no outro não já não vai mais pra li, vai pra outro, no Sapé, pra descansar a terra. (Noemi Nascimento)

Ainda com relação às práticas cotidianas desenvolvidas pela comunidade, foi perguntado aos moradores o seguinte: “Possui fogão a lenha?”, em caso afirmativo, “De onde vem essa lenha?”. A intenção dessa pergunta era obter informações acerca do manejo ou conhecimento que a população da comunidade tivesse acerca do uso da lenha. Visto que a obtenção da lenha em diversas localidades pelo país dá-se a partir da derrubada e extração da vegetação do local o que, por conseguinte leva ao esgotamento da mesma.

Dos relatos obtidos no campo todos moradores afirmaram que utilizavam lenha para cozinhar, mas o mais importante de se observar nesse uso da lenha é o fato de que a lenha não é extraída com a derrubada da vegetação nativa, mas sim a partir do recolhimento de lenha seca (estragada) ou que não possui serventia como evidenciam os relatos abaixo:

1- A lenha é dá mata, tem um pau que morre ai vai lá corta e trás pra casa. A lenha seca pega melhor do que a verde, a gente pode até misturar, mas a seca é muito melhor. (José Alcides)

2- [...] as vez a gente deixa um pedacinho de mato a gente reserva, no aceiro do roçado assim ai quando o pau tá bem, a gente pega, corta queima duas ou três vez. As vez ta seco ou velho demais, as vezes na limpa do terreno a gente corta uma galha, as vez corta todo, porque diz o pessoal que uma árvore que não dá fruto a gente deve cortar e lançar ao fogo né, mas sendo uma árvore que dá futuro a gente não corta né, aí deixa ele lá. A gente pega aquela que não tem uso ou que ta morta, pronto, semana passada caiu

uma dentro do roçado, por cima do roçado, aí eu fui e cortei. (João Cirino)

3- [...] a lenha eu derrubo uma árvore que tá seca, seca que eu digo é a murcha. (Francisco Guilherme)

4- [...] a lenha eu tiro dos pés de pau que a gente planta, ai nasce, ai tira a que tem no roçado, a gente junta corta no meio, os pé faz que não dá nada, vai queimando e levando a vida. (José Silva)

5- A lenha a comida é mais gostosa, essa lenha é lá do meu roçado que eu fiz a limpa pra plantar o guandu. Já faz três anos com esse que entro que eu não planto o guandu. Essa lenha ai é nova que tava lá no chão, ela tá levando chuva aí mas isso é bom pra ela, quando for amanhã eu tiro e coloco pra dentro. (grifo nosso) - (Noemi Nascimento)

Dos relatos acima obtidos é possível realizar duas observações acerca do conhecimento e das práticas conservacionistas que os moradores da comunidade realizam de maneira espontânea, sem qualquer conhecimento advindo de qualquer banco de escola ou academia.

A primeira observação diz respeito ao aceiro do roçado. O aceiro é a parte mais densa da mata do terreno que tem por função evitar que as queimadas realizadas pela coivara se alastrem para as regiões vizinhas, e prejudique desta forma os roçados vizinhos.

A segunda observação é o fato de que a lenha utilizada é aquela que já cumpriu seu ciclo de vida, que se encontra já ao chão, sua principal serventia é produzir energia ou ser utilizada em cercados o uso da lenha dessa forma não é uma atitude de por comodidade, mas sim por consciência de que se extrair lenha nova não as terá futuramente para utilizar, além disso, um fato importante de se notar, em especial, no segundo relato é a ação de lançar o que não serve ao fogo está ligado ao conhecimento da bíblia⁵, visto que na comunidade de Caiana dos Crioulos a maioria de seus moradores se declare católicos embora haja também os que se declarem evangélicos.

Todos esses aspectos revelam, mais uma vez, que a comunidade adota suas próprias estratégias ao lidar com o meio ambiente, uma forma especial de

⁵ Livro de Ezequiel capítulo (15; 4-5) - “Eis que lançado no fogo, para ser consumido; ambas as suas extremidades consome o fogo, e o meio dele fica também queimado; serviria, pois, para alguma obra. Ora, se, estando inteiro, não servia para obra alguma, quanto menos sendo queimado, se faria dele qualquer obra?”

aprender e ensinar coletivamente, sua interrelação com os recursos naturais, sejam eles a terra, a mata ou o ar, tendo como destaque maior a terra com toda a riqueza que possui.

Quanto às técnicas e ferramentas utilizadas pelos moradores da comunidade dá-se primeiramente, por serem conhecimentos herdados dos ancestrais, devido a tradição, mas decorre também do predomínio da economia de subsistência sobre a de mercado, que não exige um aprimoramento tecnológico constante, a resistência e as dificuldades financeiras em adquirir elementos mais sofisticados. A implantação do maquinário avançado na atividade é impedida também pelo fator da declividade do terreno. No que tange as ferramentas utilizadas nas roças pode-se destacar a enxada, enxadeco, estrovenga, gancho, faca e a foice.

Ainda com relação à agricultura, elemento fundamental na vida dos Caianenses, consideramos necessário saber como se deu o aprendizado da mesma e quais os conhecimentos que estão envolvidos na produção. De acordo com os questionários empregados, grande parte dos quilombolas aprenderam a trabalhar na agricultura com seus pais e avós (Tabela 3).

Tabela 3 – Com quem aprendeu a trabalhar no campo.

Respostas	Nº Aboluto	(%)
Com os Pais e Avós	14	92,86
Sozinho	0	0,00
Outros	1	7,14
Total	15	100,00

Fonte: Pesquisa de Campo - Maio de 2011

O único caso em que o aprendizado da agricultura havia se dado de maneira diferente foi o de uma moradora que aprendeu a trabalhar no campo quando um fazendeiro da região a ensinou, de acordo com informações fornecidas pela mesma, o fazendeiro comandava a região e alugava as terras para os moradores e os mesmos pagavam o aluguel com a produção e quando a colheita era tida como muito boa o fazendeiro retribuía o esforço com uma “feirinha”.

Retornando a análise do gráfico a grande maioria dos entrevistados aprendeu a trabalhar no campo com seus pais e avós fato este afirmado em muitos relatos feitos pelos moradores de Caiana:

1- Ah!, isso vem de raiz, vem do meu bisavó, que nasceu aqui, nasceu tudo aqui, eu nasci ali em Caiana do Agreste. (José Silva)

2- Eu aprendi a fazer com minha mãe e meu pai. Ele me levou com 10 anos, ai tinha a carreirinha de feijão com milho. Ai eu levava uma carreirinha do feijão e o resto da braça ele levava, ele levava era quase todo, então desde esse tempo eu não sai mais, desde 10 anos. Eu saí quando casei, menino novo, né, não dá pra levar pro roçado, ai quando saiu o derradeiro, o mais novo né, que ta no Rio agora, eu levava junto, porque eu não deixava só e também não tinha com quem deixar, ai ele via tudo né, as vezes no meio do caminho dava aquela chuvona, os meninos tava no roçado e levava aquela chuvona também com a gente. Tinha um lanchinho, pra comer no meio do caminho, a gente cozinhava lá o feijão, almoçava lá, nesse tempo a a gente passava o dia lá. (Noemi Nascimento)

A maior parte da produção de Caiana dos Crioulos é voltada para o consumo da família e também para o consumo da comunidade, visto que o ato de doação ou compartilhamento de produtos entre os moradores é muito forte, independentemente do grau de parentesco. Como afirma Dona Noemi em relato: “[...] ano trasado eu plantei guandu, meu filho foi guandu que se perdeu, eu chamava as meninas para apanhar, mas ainda estrago [...]”

Essa lógica está presente em várias comunidades negras pelo Brasil, a exemplo da de Campinho, em Paraty-RJ, estudado por Gusmão (1995, p. 106) segundo esta autora:

A farinha, o milho e o feijão surgem como elementos básicos do consumo grupal, as relações entre parentes; supõe uma estrutura de troca e reciprocidade, uma distribuição dos indivíduos no espaço físico e no espaço do parentesco.

A idéia de doação de produtos agrícolas, na comunidade, envolve não só uma solidariedade, mas também uma oposição a lógica da sociedade moderna na

qual um produto se não for vendido é preferível deixá-lo estragar a doá-lo, para essa lógica estragar gera menos prejuízo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso realizado em Caiana dos Crioulos comprovou e materializou a hipótese de que as comunidades quilombolas desenvolvem práticas e formas específicas de relação com o meio ambiente em seus territórios, e estas podem implicar em um uso menos predatório dos recursos e com menores impactos negativos ao meio ambiente quando comparados a sociedade capitalista, pois há um sistema de hábitos internalizados por eles que se expressam em seus saberes, cotidianos, em seus conhecimentos e práticas voltadas para a utilização de recursos do território, que contribuem para a manutenção do grupo, de sua cultura e acima de tudo do ambiente.

Os moradores de Caiana dos Crioulos em sua grande maioria pratica a agricultura como forma de subsistência, os moradores reconheceram a terra como um meio que extrapola a razão social de produzir alimentos e atinge a função de familiaridade e vida. Para realização da agricultura os moradores além de utilizarem ferramentas rústicas como enxada, enxadeco, estrovenga, gancho, faca e foice, utilizam-se também do conhecimento que ainda é transferido para as novas gerações maneira oral e através da prática diária nas roças e roçado.

Embora plantem, em sua grande maioria, nos quintais das casas e com o qualidade solo baixa os moradores ainda resistem a utilizar qualquer tipo de agrotóxico ou fertilizante industrializado por acharem que tais produtos são desnecessários além de serem prejudiciais a eles e aos alimentos. Para fertilizarem os moradores ainda utilizam o estrumo de vaca, cabra e dos galinacéos que por ventura criem.

Ainda com relação às técnicas de plantio os moradores de Caiana dos Crioulos aos poucos têm substituído a prática da coivara, queima da vegetação após a limpa do terreno, para deixar que o mato apodreça no local e se transforme em adubo natural.

Outro elemento forte na comunidade é solidariedade e o laço familiar nas atividades do campo, ainda é comum na comunidade a prática da doação e troca de alimentos entre as famílias ou uma família auxiliar outra no roçado, bem como toda a família participar do processo da produção da farinha.

O lida diária no campo capacitou os agricultores reconhecerem as épocas certas de plantio, quando o solo se encontra “cansado”, bem como reconhecer a qualidade do solo sem realizar qualquer ação apenas observando a presença de determinada vegetação.

Em Caiana dos Crioulos existem sim problemas ambientais dentre podemos destacar poluição do córrego que perpassa a comunidade bem como o lixo espalhado por toda a comunidade, todavia os problemas que lá existem não são causados exclusivamente pelos moradores, mas sim por ausência de ações, de obrigação do Estado (em suas diversas esferas), como, por exemplo, oferecer saneamento básico de qualidade e uma coleta de resíduos eficientes. Mas a solução pode também ser realizada pela comunidade a partir reciclagem e reutilização dos resíduos.

Desta forma, conclui-se deste estudo que, as populações tradicionais e especialmente as populações quilombolas podem sim ser aliadas da conservação da natureza. Com esta pesquisa espero também ter contribuído com as discussões no que tange os direitos das comunidades quilombolas, bem como na conservação da natureza, visto que estes temas podem caminhar juntos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. P.; RODRIGUES, F. Território, Identidade Étnica e Memória na Comunidade Quilombola de Pitombeira- PB. **Anais...** IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária. Rio de Janeiro, 2009.

ALMEIDA, M. P. **Da Exclusão a Reinvidicação: a formação de um Território em Pitombeira.** (Monografia de Graduação), Universidade Federal da Paraíba – CCEN, João Pessoa, 2010.

ANJOS, R. S. A. O espaço geográfico dos remanescentes de antigos quilombos no Brasil. **Terra Livre**, v. 17, p. 139-154, 2001.

ARRUTI, J. Ma. **Mocambo: antropologia e História do processo de formação quilombola**. Bauru, São Paulo, 2005.

FIABANI, A. **Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

FREITAS, D. **O escravismo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2ª Edição, 1982.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MARTINEZ, P. H. **História ambiental no Brasil: Pesquisa e Ensino**. São Paulo: Cortez, 2006.

GIDDENS, A. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. In: GIDDENS, A., BECK, U., LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GUSMÃO, N. M. M. **Terra de pretos, Terra de Mulheres: terra, mulher e raça num bairro rural negro**. Brasília: MIC/ Fundação Palmares, 1996.

GALLIZA, D. S. **O declínio da escravidão na Paraíba: 1850-1888**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1979. 229p.

_____. **A Escravidão na Paraíba. Palestra proferida no Ciclo de Debates sobre a Paraíba nos 500 anos de Brasil**. Disponível em <http://ihgp.net/pb500l.htm>. Acesso em 25 de Maio de 2011.

GORENDER, J. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Editora Ática, 5ª Edição, 1988.

_____. **A Escravidão Reabilitada**. São Paulo: Editora Ática, 1ª Edição, 1990.

MACENA, H. L. **Acesso as Políticas Públicas pelas Comunidades Quilombola na Paraíba: uma Análise das Comunidades do Paratibe, Mituaçú e Pedra D'água** (Monografia de Graduação), Universidade Federal da Paraíba – CCEN, João Pessoa, 2010.

MARACAJÁ, M. S.. **Fatos, lembranças e resistência**. (Monografia de Graduação); UFPB, João Pessoa – PB, Dezembro, 2010.

MOREIRA, A. P. C. **Território quilombola: cultura e resistência em Alagoa Grande – PB**. (Monografia de Graduação); UFPB, João Pessoa – PB, Dezembro, 2006.

_____. **A Luta pela Terra e a Construção do Território Remanescente de Quilombo de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB.** (Dissertação de Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, 2009.

ROCHA, S. P. **Gente Negra na Paraíba Oitocentista: população, família e parentesco espiritual.** (Tese de Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

RODRIGUES, M. F. F.; MARACAJÁ, M. S. L. Resistência Negra na Paraíba: um debate sobre o cientificismo racial no Brasil a partir do século XIX. **Anais...** XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre, 2010.

RODRIGUES, M. F. F. Paisagens, geossímbolos e dimensões da cultura em comunidades quilombolas. **Revista Mercator**, v. 10, n. 22, p. 87-102, 2011.

SÁ, A. N. M. **Escravos, livres e insurgentes: Parahyba (1850-1888).** João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2005.

SCHWARTZ, Stuart. **Escravos: roceiros e rebeldes.** Bauru-SP, Edusc, 2001.

SCHWARCZ, L.; REIS, L. V.r S. (orgs). **Negras Imagens.** São Paulo: Editora da Usp: Estação Ciência, 1996.